



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

TURISMO, TRABALHO E IDENTIDADE EM SALVADOR DA BAHIA:

O CASO DOS BARRAQUEIROS DO CARNAVAL

Julie Sarah Lourau Alves da Silva

EHESS/UFBA

juliesarahba@gmail.com

“Temos que reaprender a pensar o espaço”

(Augé, 1992:49).

Introdução

Nossa proposta é refletir sobre as condições de trabalho dos barraqueiros em tempo de festa: ciclo de festas populares de dezembro a fevereiro e carnaval. Essa tradição de comércio de rua, muito antiga tomou um brilho diferente quando aplicada ao contexto festivo em Salvador. Eles são chamados de barraqueiros das festas populares e são agrupados em sindicato para reivindicar os seus direitos, ligados a uma certa tradição. O contexto de trabalho tem sua origem no ciclo das festas pré-carnavalescas, que seguem o calendário dos santos católicos de dezembro ao carnaval. O carnaval é o evento de maior importância que encerra o ciclo das festas antes da quaresma. Ele acabou se destacando por ter se tornado uma empresa cultural e turística em si, a partir dos anos 1980. As outras festas do ciclo, ao contrário, perderam em tamanho e frequência, marginalizando-se. Procuro considerar a aceitação “moral” do espaço nesses diferentes eventos festivos e as condições de acesso ao espaço de trabalho distinguindo o ciclo das festas pré-carnavalescas e do próprio carnaval. Essa preocupação me leva a considerar as delimitações e separações sempre mais marcadas dentro das festas entre os diferentes grupos sociais. Além dessa consideração, procuro trabalhar a noção de “pobre carente” (que responde as esperas sociais) em relação com o “pobre malandro” ou “marginal”(que não se encaixa na sociedade). Ou seja, será que as regras para excluir os “indesejados” está efetivamente direcionada ou acaba se tornando regra para todos os pobres, sem distinção?



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Em primeiro lugar esse trabalho vai permitir retomar os dados principais do desenvolvimento histórico da cidade de Salvador em função da sua configuração espacial e das suas marcas identitárias. Em segundo lugar, uma análise dos territórios carnavalescos será relacionada a análise da evolução urbanística de Salvador. Serão destacadas as lógicas de “fechamento” e “exclusão” referenciando-se aos trabalhos dos geógrafos franceses Olivier Mongin (2005) e Jaques Donzelot (1999). Em terceiro lugar, através do retrato de uma das barraqueiras mais antigas será possível destacar um “mito de origem” dos barraqueiros, cuja tradição revela estar profundamente ligada às festas populares; o sentimento de perda de identidade que ressalta no retrato da barraqueira, nos encaminha diretamente ao progressivo abandono das festas populares. Em quarto lugar, através dos conceitos de Mary Douglas (1971) de “regra flexível” e “regra rígida” procuramos entender os modos de co-existência das lógicas estruturantes e reguladoras das festas populares e do carnaval.

1- Desenvolvimento urbano de Salvador

No século 16, no início da colônia portuguesa, a cidade de Salvador se constroi ao redor do porto localizado na Baía de todos os Santos. Sua atividade econômica é baseada no tráfego de escravos que serve de mão de obra nos canaviais, e o comércio e intercâmbios com a terra mãe, Portugal. Uma cidade alta, administrativa e residencial cresce na parte mais elevada do porto, o atual Pelourinho, e uma cidade laboriosa e logística, na parte baixa.

Na segunda metade do século 18, os interesses nacionais se deslocam para o Sul, com as plantações de café (Rio de Janeiro e São Paulo). Salvador conhece um longo período de letargia, as populações ricas migram. No início do século 20, a cidade alta desertifica-se e marginaliza-se com a prática de prostituição e o largo uso de drogas.

Depois da abolição da escravidão em 1888, a mão de obra pobre instala-se na periferia do centro histórico, nos bairros laboriosos, da Liberdade até Paripe. Esses bairros estendem-se ao longo da linha de trem que transporta os trabalhadores e as mercadorias ao porto. Nos anos 1950, começa a atividade petrolífera da Baía de Todos os Santos.

Enquanto a cidade dos pobres estende-se ao longo da Baía, a população de classe média e rica explora o litoral Atlântico. Este fenômeno corresponde a criação da Orla a partir dos anos 1980 caracterizada pelo progressivo abandono do antigo centro da cidade. Segundo Agier



(2009), uma linha imaginária recorta então a cidade em dois blocos: a Baía e a Orla, criando uma leitura em “região moral” da cidade.

A expressão “região moral”, na obra de Michel Agier (2009) se define como fronteiras identitárias que são mais um fundamento moral do que espacial, diz ele: “é a partir de uma configuração particular de criterios morais que a cidade como um todo se faz espelho de identidade, ou *fator de etnicidade*”¹, (p.40). Tudo o que está na Baía é antigo, abandonado e caracterizado pela marginalidade enquanto os bairros da Orla representam a modernidade e o padrão de vida do baiano moderno. A Orla se edifica no sentido vertical, ao longo do litoral atlântico, com inumeros imóveis modernos e coloridos, enquanto os bairros populares estendem-se no sentido horizontal com casas auto construídas. Esse recorte veio substituir um mais antigo que se destacou durante a colonização entre a cidade baixa (o porto) e a cidade alta (a administração e o poder colonial). Esse novo recorte urbano tem a ver com uma mudança profunda da sociedade, depois da abolição da escravidão e o fim do império colonial. Um novo modelo de vida moderna e capitalista se destaca então com um sistema de valores baseado na modernidade.

O fator principal da extensão espacial de Salvador é a forte migração da população rural ou de outros estados do nordeste para a capital baiana desde os anos 1960, correspondendo a espera de ser empregado nas novas empresas petrolíferas. A população de Salvador creceu em proporções muito fortes: entre 1960 e 1980 ela teve um crescimento de mais de 50% passando de 650.000 pessoas a aproximadamente 1.500.000 em 1980. De 1980 até hoje, a população aumentou novamente, chegando a aproximadamente 2.700.000 em 2011.

Dentro da cidade, a paisagem alterna entre instalações recentes e modernas e outras antigas ou improvisadas parecendo um “patchwork” entre o urbano planejado e paisagem informal. Donzelot (1999) fala da “cidade a velocidades variadas”, separando os grupos e as comunidades e deixando-os distantes um do outro². O centro antigo do poder político, econômico e administrativo é substituído por varios centros no esquema de um arquipelago de ilhas de interesses configurando um novo modo de viver no mundo urbano da cidade (Mongin, 2005). Nesse novo contexto, o denominador “periferico” refere-se ao estigma da marginalização como uma exclusão moral: ele é reservado a quem fica nas margens da

¹Texto em francês, traduzido por mim.

² Citado por Mongin (2005:17)



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

sociedade por não ter acesso ao mundo planejado (a pobreza e a criminalidade). Ele perdeu seu significado espacial porque o próprio modelo espacial da cidade se alterou profundamente. Só as considerações morais e estigmatizantes ficaram, lembrando o modelo antigo.

2- Análise espacial e moral do carnaval

2.a. História

O carnaval de Salvador nasceu em 1884 na cidade alta, iniciado pelos burgueses seguindo o modelo do carnaval do Rio de Janeiro para substituir o Entrudo, uma festa portuguesa condenada por ser violenta. A cidade alta era o bairro colonial reservado à elite e à administração durante a colonização. Quando o Rio de Janeiro foi declarado capital do Brasil, os interesses do país voltam-se para as Regiões Sul e Sudeste. Assim, a cidade alta perde seu prestígio, as populações ricas mudam-se para o Sudeste e Sul. O carnaval será recuperado pelas populações pobres que passam a ocupar os bairros da cidade alta. A festa se transporta também para os bairros populares chamados de periféricos.

Com a criação dos trios elétricos nos anos 1950, surgiu a necessidade de um circuito com ruas mais largas e um trajeto mais longo. Daí então nasceu o circuito, que percorria a Praça da Sé até o Campo Grande. Neste circuito ocorre o encontro de trios na Praça Castro Alves, que reúne os melhores trios para fazerem um duelo musical. Só os blocos mais tradicionais de batucadas e as orquestras de metais com o ritmo do frevo continuaram no Pelourinho, num carnaval de formato familiar.

Foi nesse circuito que nascem nos anos 1970 os primeiros blocos afros com reivindicações raciais e culturais. O primeiro bloco a se reivindicar negro em um contexto social que estava negando os direitos das populações negras foi o Ilê Aiyê, constituído por uma banda de jovens mestiços do bairro periférico da Liberdade (Agier 2000). Eles foram fundadores de um movimento cultural negro baseado numa sublimação da condição social do negro brasileiro e a afirmação de uma cultura própria e legendaria, baseada em elementos diversos das culturas africanas. O momento escolhido de apresentação e representação dessa sublimação da condição social, a onde o negro pobre se transforma em um príncipe e a mulher negra se transforma em rainha de ébano, foi o carnaval.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)Igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Devido ao crescimento e à multiplicação dos trios elétricos, houve necessidade nos anos 1980 de criar um circuito maior com ruas mais largas entre a Barra e a Ondina, bairros nobres da capital. A partir de então, o carnaval de Salvador vive uma mutação estrutural com a sua entrada na indústria cultural. Nessa época se destaca um estilo musical que vai mudar a paisagem criativa e de produção das bandas carnavalescas: a Axé music.

Os blocos de foliões que constituem o grupo, pode se definir, segundo Agier (2000 : 44) com os substantivos: “Conforto, purpurina e modernidade” e são caracterizados pela grande maioria de foliões brancos, de classe media alta.

Junto com esse carnaval nasceu a indústria cultural que promoveu artistas e estilos musicais carnavalescos na moda. Salvador ganhou assim a reputação de uma cidade festiva e conseguiu atrair turistas brasileiros e estrangeiros. O seu carnaval rivaliza agora com o do Rio de Janeiro ou com outros carnavais do mundo inteiro. Durante esta festa, a cidade se transforma em um palco para mais de oito mil e novecentos artistas dos mais aos menos famosos. O carnaval é movido por uma finalidade marketing. Neste contexto, quem manda são os patrocinadores. Os poderes publicos trabalham no sentido de impor novas leis e regras para reforçar o poder das empresas patrocinadoras, para receber sempre mais verbas, alimentar o “star system” e entrar na concorrência internacional. Os tres circuitos existem ainda hoje, frequentemente é pensada a necessidade de um novo circuito com ruas maiores, pois o carnaval não para de crescer.

2.b. “Regiões morais”

Michel Agier (2009) explica como se construiu historicamente a distinção entre a Baía e o Litoral criando duas regiões morais distintas com seu sistema de valor próprio. Ele toma o exemplo da Liberdade conhecido por ser um bairro negro - o bairro do Ilê Aiyê - que deu suas marcas étnicas e culturais ao bairro todo. Na realidade, as estatísticas apontam uma forte proporção de mestiços, não de negros. O autor insiste sobre o fato que as marcas espaciais nem sempre têm a ver com as marcas identitárias e que deve-se levar em conta a dimensão moral na maneira de pensar o espaço urbano.

Os circuitos do carnaval são hoje delimitados e registrados pela Prefeitura. Os três principais são: Batatinha, Dodô e Osmar. O circuito que concentra atualmente as atrações da cidade alta se chama “Batatinha” e se caracteriza por abrigar um carnaval familiar. O circuito, “Osmar” entre a Praça Castro Alves e o Campo Grande fica com uma programação de blocos de



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)Igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

percussão afro e alguns trios, os menores. Ele continua sendo fortemente marcado pela frequência dos jovens mestiços da periferia. O circuito Dodo entre a Barra e a Ondina continua sendo o carnaval da classe média e predominantemente branca. Porém, por ser a vitrina midiática do carnaval todos os blocos afro que entraram nas mídias também passam por aí. Os circuitos carnavalescos refletem e repetem as regiões morais destacadas de um ponto de vista urbano, da cidade. A mesma demarcação está operando entre um carnaval do povo no circuito Osmar e um carnaval da elite e dos turistas no circuito Dodô. Da mesma forma, as identidades criadas dentro do carnaval não questionam as categorias de cor e de raça, pelo contrário, elas as reforçam. São as classes sociais que são sublimadas através dos desfiles afros. No desfile axé, não existe sublimação apenas glorificação de um estatuto dominante na base de “conforto, purpurina e modernidade”. O circuito Batatinha por ser menor, não entra tanto na confrontação racial, nele fica o carnaval de tradição com atenção particular às crianças.

A população pobre, por não ter as possibilidades econômicas e sociais³ de desfilar com a “gente bonita”⁴ do circuito Barra-Ondina, inventa várias maneiras de seguir de perto os trios elétricos que transportam as estrelas locais, ficando às margens das cordas dos grandes blocos, desfilando de graça, ou economizando durante todo ano para poder se divertir durante os dias de carnaval. Ou ainda trabalhando como “cordeiros”, que são indivíduos que delimitam o espaço entre os foliões pagantes dos blocos de trio que têm o direito de ficar dentro dos limites das cordas e os foliões “pipoca” que andam em todos os blocos sem fantasia, sem bloco de referência. Proporcionalmente ao sucesso midiático e popular do carnaval, a insegurança aumenta. Os atos de violência e principalmente os furtos se multiplicam. Os poderes públicos souberam aproveitar esse aumento da violência para privatizar o espaço e regulamentar as festas numa dinâmica de fechamento do espaço, tendo assim um controle melhor da festa e dos indivíduos que dela participam. Isso se traduz por uma privacidade do espaço: blocos e camarotes saturam o espaço; os “pipocas” ficam tão nas margens que fica difícil desfilarem de pipoca sem ter medo de serem amassados. Nesse mesmo contexto, os

³ Já foram denunciadas práticas racistas de alguns blocos que desfilam na Barra – Ondina baseadas numa discriminação racial (cor da pele), estética (vestuário) e geográfica (lugar de moradia). Práticas operando acima da barreira econômica que já existe para afastar a população pobre.

⁴ Expressão utilizada para falar da classe média alta que desfila no circuito da Barra-Ondina.



barraqueiros estão colocados nas margens do circuito⁵, nas ruelas ou avenidas periféricas a ele.

3- Os barraqueiros das festas populares

O barraqueiro trabalha na rua vendendo bebidas e comidas na sua barraca. Geralmente ele oferece mesas e cadeiras para seus clientes. O ambiente de trabalho deles são as festas populares. Quando se pergunta a um barraqueiro, quem é que faz a festa, ele responde: “os barraqueiros!”.

A partir de uma entrevista com uma das mais antigas barraqueiras de Salvador e sua filha, vou destacar quatro momentos de mudanças que conheceram os barraqueiros nesses 30 últimos anos e as mudanças estruturais que levaram a tradição deles a ser depreciada.

1) As barraqueiras afirmam que tem uma tradição cujos fundamentos são a rotina do barraqueiro e seu *savoir faire*. A tradição se destaca pela arte de decorar sua barraca e pelos modos de operar. A barraca tem que representar um ambiente de festa. Do mesmo modo que os brasileiros enfeitam o local, o bolo e a si mesmos para festejar os aniversários, o barraqueiro enfeita sua barraca, suas mesas e cadeiras de um modo personalizado em homenagem ao Santo do dia. Essa arrumação pode buscar também se destacar dos outros e chamar atenção dos fregueses, “tudo tem que ser arrumadinho e enfeitadinho”.

Elas relatam a importância de levar sua própria água para não depender de ninguém, afirmando ainda que 80% dos barraqueiros não tem freezer próprio, e que trabalham com isopor e gelo. O primeiro lucro da festa é dedicado a compra do gelo. No primeiro dia também se arrumam as barraqueiras fazendo as unhas e o cabelo. A mãe, por ser mais velha e respeitada só chega no dia das cerimônias, ela não participa desses preparativos *in situ*, da vespera.

Recapitulando, a tradição tem como elementos destacados nessa entrevista: um *savoir faire*, uma estética trabalhada, um modo operacional específico e o respeito pelos mais velhos.

2) A confrontação de uma nova legislação desestabiliza essa tradição. A prefeitura através de uma lei de padronização do material da barraca, toma o controle da realidade dos barraqueiros. Eles se tornam dependentes do material padrão que a prefeitura os obriga a usar e do qual ela é a única fornecedora. Assim, o acesso as festas só pode acontecer quando a

⁵ Essas considerações não puderam ser explicitadas no quadro deste trabalho.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Prefeitura libera o material. Isso deixa um gosto amargo na boca dos barraqueiros, que se sentem desrespeitados. A Prefeitura opera em nome de uma organização da festa e também de uma higienização das festas populares e do carnaval. A filha de Dona Linda tomou essas medidas como uma traição em relação à tradição. Ela não tem mais a mesma possibilidade de enfeitar a sua barraca por conta da infraestrutura (tubulação de alumínio e lona) e por conta do momento em que chega o material. O primeiro dia, consagrado a arrumação, frequentemente é cortado pela Prefeitura que disponibiliza o material em cima da hora.

3) O resultado é um sentimento de perda devido a impossibilidade de continuar a trabalhar seguindo o mesmo padrão dos antigos. Essa perda releva a esfera moral e material. Ela se concretiza pela impossibilidade de repetir uma tradição passada de pai para filho. O carinho e a atenção que as barraqueiras davam a decoração em homenagem ao Santo celebrado, não pode mais acontecer da mesma maneira. As normas de higiene e de “estética” estão mudadas. Do mesmo modo, o lucro para comprar o gelo que acontecia durante o primeiro dia da instalação, esta sendo substituído por um contrato com as empresas de cerveja que disponibilizam mesas, cadeiras e freezer a seus clientes, geralmente na condição de exclusividade: só poderá ser vendida cerveja dessa marca nessa barraca. Essas empresas entram como patrocinadoras seguindo o modelo do carnaval. Inumeros “banners” da cervejaria começam a ser distribuídos até invadir a grande maioria das barracas e das festas. O papel crepom e os enfeites estão sendo abandonados pela maioria. Só fica o desgosto para as barraqueiras entrevistadas: “tudo estava tão arrumado... as mesas, as cadeiras...”. As evocações são doloridas como a perda de um ser querido. Frente aos poderes públicos, o sentimento de impotência domina.

Mas, quando se trata das empresas de cerveja então, a revolta é enorme. A proposta delas pode inclusive abrir o mercado a inúmeros vendedores sem tradição, o que as barraqueiras não querem. Elas dizem: “...só quem não tem origem de barraca pode se contentar com isso. Os filhos não precisam mais do material dos pais para poder trabalhar. Basta ligar o freezer!”.

4) A única resposta possível a esses ataques externos é a afirmação de que um “nome” garante uma honra. Esse nome é também uma referência a uma tradição, a um *savoir-faire*, a uma profissão. Resumir esse trabalho a aquisição de um material para venda, deixa as barraqueiras chocadas e percebe-se isso quando elas dizem: “eu não posso me instalar sem decoração”. Elas narram sobre o crepom, as escolhas das cores para cada festa, as cortinas, as flores... e



falam também do sentimento de “ter moral” quando ela iam comprar o peixe (20kg de arraia) na rampa e que o pescador vendia fiado para ela, ou melhor, para “Dona Linda”. Essa referência ao nome tem todo seu valor num sistema de proximidade que hoje em dia está abandonado. No seu lugar, a lógica capitalista do tipo “quem tem mais pode mais”. O sistema de valor baseado no nome permitia as populações pobres gozar de um reconhecimento social pelo menos nas esferas familiares e de trabalho. As novas regulamentações da Prefeitura suprimem a moral do nome. No seu lugar, reina a potência do capital e das empresas de cerveja, fazendo do barraqueiro um pobre sem tradição.

Concluindo destacamos que o sistema de valor dos barraqueiros, não corresponde mais aos padrões em vigor na sociedade moderna. Um sentimento de angústia e de impotência frente a um sistema que não lhe pertence e que não os valoriza, toma conta das barraqueiras entrevistadas. Elas não podem mais sublimar o cotidiano com o ritual de arrumação da barraca e de si mesmas, e devem apenas incorporar o sistema de valor do capitalismo colocando acima de tudo a higiene, o lucro e a segurança. Nesse cenário, a filha da barraqueira entrevistada prognostica o fim dos barraqueiros “daqui a cinco anos”, ela trata do caso como se a categoria “barraqueiros”, fosse ameaçada de extinção por conta das mudanças vividas.

4- A decadência das festas populares

Os barraqueiros em relação aos festejos concordam em dizer que a tradição das festas populares esta se apagando. Ao redor dessa ideia, se constroi uma historia que parece com um mito de origem, onde tanto a festa quanto os barraqueiros tiveram uma época de ouro que hoje em dia desapareceu. De fato, junto com as mudanças impostas aos barraqueiros, as festas populares também sofreram com as alterações das modificações estruturais e sociais.

A tradição do comércio de rua é muito antiga e tornou-se uma figura específica quando está associada às festas populares. Esse contexto permitiu desenvolver um espaço de trabalho digno para as populações pobres que a praticam. O caso da freguesia das barracas é muito relevante. O barraqueiro de origem humilde está durante as festas em contato direito com pessoas de todas as classes e condições sociais. O barraqueiro pode ter fregueses de primeira importancia tal como um juiz, um médico ou um advogado. Essas mesmas pessoas nunca as encontrariam e bem menos teria um contato no cotidiano. As festas populares têm essa



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

particularidade de juntar pobres e ricos negando os critérios de cor e de classe social. Momentos raros, “liminares” no contexto da sociedade brasileira.

As mudanças de costumes, no novo quadro de vida das populações de classe média alta, alteraram também as formas de lazer. A multiplicação dos *Shopping center* ocupa um papel importante nesse sentido. O aumento da criminalidade junto com o crescimento da cidade também participa de uma procura de espaços seguros. O espaço público de toda a cidade é desqualificado. As praças públicas são o alvo da marginalidade, das drogas e os barraqueiros de rua, dos centros urbanos, são frequentemente associados a bagunça e dão uma imagem de país subdesenvolvido ao qual a classe média não quer ser associada. Em resposta ao sentimento de insegurança, diversos espaços privados que oferecem segurança se destacam tais como os clubes ou os *shopping center*. Ao nível residencial essa procura, leva também a multiplicação dos condomínios fechados oferecendo sempre mais serviços para limitar as saídas dos moradores. Alguns incluem até escolas infantis. A consequência é a morte da mistura social nas festas populares por causa das lógicas de “entre si” e de fechamento dos espaços. Mesmo no carnaval, o momento “por excelência” das inversões, não existe mais esse tipo de encontro.

“Festa popular em franca decadência” é o título de um artigo do jornal local “A Tarde” em 2004. Os pontos negativos recolhidos pelo jornalista são a higiene mas sobretudo a insegurança. Algumas festas cujo peso histórico são hoje quase esquecidas, são frequentadas só pelos fiéis que vão à igreja e não à festa. É o caso da festa de Santa Luzia, cuja celebração acontece todo ano no dia 13 de dezembro. No artigo se trata também da festa de Nossa Senhora da Conceição. O jornalista entrevistou uma barraqueira antiga que conta que “a festa não tem mais o mesmo brilho e muitos lutam para que a festa não se acabe”. O mordomo de culto da Irmandade da Conceição da igreja lembra que “antigamente as pessoas vinham para a novena, depois iam comprar frutas e chapéus de palha e conversar. Hoje ninguém mais quer ficar nas barracas e no largo, eles saem da missa e vão embora”. O relato do religioso do lado profano da festa que está sendo abandonado, opõe-se ao fervor dos fiéis que tem aumentado nestes últimos anos com muito mais frequência. Ele relembra também diversões que hoje em dia quase sumiram: não se compra mais frutas na festa, só bebidas e alimentação principalmente cerveja; enquanto aos chapéus, só se encontram em algumas festas e não são a atração principal. Podemos concluir no abandono do lado profano pelos fiéis, nos quais se



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

encontravam pessoas de classe media alta. O lado profano se marginalizou ficando com a população pobre, perdendo assim a capacidade de liminaridade pois o esquema do quotidiano de separação das classes sociais ou da cor de pele se repercute diretamente na festa. Podemos perceber através das palavras do mordomo uma crítica da festa profana que está em contradição com a religiosidade da data, ficando um momento de muita bebida e do ponto de vista dele, de pouco respeito ao santo celebrado. Essa crítica é de ordem moral. O mordomo através dessa está pedindo mais moralidade aos festejos e aos barraqueiros. Dentro deste ponto de vista, a reivindicação de ordem moral dos barraqueiros não está sendo percebida, pelo contrário, eles estão sendo associados a perda de frequência da festa por uma falta de respeito a ordem religiosa.

5- Análise moral do contexto festivo em Salvador

Mary Douglas, no seu livro, *De la souillure* (1971), estabelece uma ligação entre a noção de poluição nas sociedades chamadas “primitivas” e nas sociedades “desenvolvidas”. Ela critica e denuncia as teorias antropológicas que definiram as sociedades primitivas como sociedades atrasadas, nas quais os homens e as mulheres teriam uma inteligência primitiva, as vezes comparadas a inteligência das crianças e sempre consideradas inferiores a inteligência dos homens das sociedades “desenvolvidas”, sociedade de referência do próprio antropólogo. A autora desenvolve então uma teoria ao redor das noções de “tabu” e de “poluição” fazendo delas um poderoso aliado do poder e da ordem social, em vez de concluir como ja foi feito por outros autores como um conjunto de superstição.

A teoria de Douglas, repousa na ideia que nas sociedades “primitivas”, onde não há um sistema legal fixo e rígido, a noção de poluição ajuda a manter uma ordem social coerente na qual o perigo da desordem é controlado, a traves um sistema de “reglas flexiveis”. Ao contrário, nas sociedades ditas desenvolvidas que usam uma enorme burocracia de documentos e polícia para obrigar os cidadãos a obedecer a uma ordem definida por textos, a noção de poluição é menos usada⁶. O perigo da poluição pode ser representado por uma contaminação que acontece pelos orificio corporais, numa metáfora na qual o corpo social se torna corpo humano. Assim, em muitas sociedades da Africa e da India, a autora recolhe

⁶ O caso de sociedades com reglas rigidas não é exclusivamente ligado a escrita e existem sociedades “primitiva” que tem reglas mais duras, com condenações mais categóricas, com pena capital.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

exemplos de proibição ligada ao sexo ou a maneira de preparar a refeição, pois tem uma proteção reforçada em torno dos orifícios corporais. O modo de se proteger dessas poluições é respeitar as regras ou tabus. Quando a regra não é respeitada, existem ritos purificadores que lavam, de um modo eficiente, a poluição praticada durante o comportamento desviante. Nesse contexto a metáfora do corpo humano fica como um corpo “a prova d’água” que resolve as contradições internas da própria sociedade e os perigos da poluição externa. As noções de “regras flexíveis” e “regras rígidas” vão nos ajudar a entender o dilema dos barraqueiros das festas populares.

As regras flexíveis correspondem ao sistema de valor tradicional dos barraqueiros e dos poderes públicos. Vou tomar como exemplo o que observei na festa de Itapuã. Conversando com dois agentes da SESP, o órgão responsável pela fiscalização dos barraqueiros, ambos me deram a mesma versão da regulamentação em vigor constituída de uma tese e uma antítese. A tese corresponde a lei que diz que qualquer vendedor tem que retirar e pagar uma licença na SESP para poder trabalhar nas festas populares; a antítese é deixar os vendedores de isopor trabalhar sem licença por conta da situação difícil que eles estão vivendo. Isso não quer dizer que nenhum deles tenha licença, mas quem não a tiver não sera fiscalizado, a não ser que ele esteja ocupando uma vaga já reservada. Do mesmo modo, esses vendedores devem ocupar as ruas periféricas do circuito festivo mais os fiscais não irão procurar problema com eles, a menos que outros vendedores ou barraqueiros se queixam. Esse sistema que opera durante as festas populares pelos próprios atores do poder público, não pode acontecer no carnaval no qual as regras são muito mais rígidas. No contexto das festas populares ainda existe esse sistema de “regras flexíveis” que corresponde a um modo antigo de regulação social. Por cada caso de tolerância ao não cumprimento da regra, nós podemos observar que existe uma medida reguladora, no caso de uma queixa ou seja de um desequilíbrio a ser resolvido. Esse sistema de regulação lembra o sistema descrito por Mary Douglas. No nosso exemplo, o tabu seria ocupar indevidamente o espaço de um outro vendedor ou não conseguir se entender com um outro vendedor em vez de ser uma proibição formal em relação ao espaço. Os ritos de purificação em caso de desregulamento da ordem seriam administrados pelos agentes da SESP que procurariam deixar o sujeito desviante fora de perimetro do conflito, deixando o espaço de trabalho livre de impureza. Nos observamos que nessa configuração não existe punição mais apenas a preocupação de respeito a um equilíbrio que tire o perigo da poluição. Nesse



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

caso, a “marginalização” do comércio de rua não é uma finalidade mais apenas um modo de regular os desequilíbrios quando aparecem.

Já, as regras rígidas encarnadas pelo carnaval não oferecem a mesma configuração de ação. A marginalização espacial e moral dos barraqueiros é efetiva e não opcional. A lei de padronização preconizada pela Prefeita de Salvador no início dos anos 90 tinha o objetivo de mudar a aparência das barracas para sair da imagem de “favelado” que estava associada aos barraqueiros: uso de materiais não padronizados e não higiênicos (muita madeira). Essa consideração estigmatizante foi tomada sem consulta previa, em nome de uma reorganização do carnaval para dourar a imagem de Salvador e agrandar os turistas. O aspecto “folclórico” das barracas pintadas não foi o bastante para lutar contra a nova ideologia carnavalesca de “Conforto, purpurina e modernidade”. Do mesmo modo, essas regras de organização do espaço e de marginalização espacial dos barraqueiros está aplicada ao pé da letra durante o carnaval (diferente da festa de Itapuã) e as licenças são controladas de um modo rígido. Quem não possui licença no carnaval pode ver suas mercadorias retiradas pelo serviço do RAPA, dependendo da SESP, ou seja uma outra face desse órgão da Prefeitura. Enfim, a metáfora do corpo “a prova d’ água” pode ser representada pelas dinâmicas de fechamento e de “entre si” contidas no contexto festivo (blocos fechados, camarotes e circuitos marcados por uma identidade), ou dos lazeres em geral.

Conclusão

O carnaval, do mesmo modo que a nova configuração da cidade participa de novas lógicas urbanas nas quais os velhos atores nem sempre encontram um bom lugar. No caso dos barraqueiros, eles são deixados nas margens e diminuídos. Essa diminuição concerna os números de dias trabalhados e também a imagem deles. No quadro novo eles não conseguem mais operar a magia da sublimação social que podia operar com o ritual da arrumação das barracas. Eles são reduzidos no sentido de não passar de uma população de pobres honestas mais possivelmente inconveniente do ponto de vista dos poderes públicos. É neste sentido que esta sendo aplicadas regulamentações sempre mais rígidas nesse setor. O fato é que dentro do antigo sistema de valor essa população conhecia uma dignidade de trabalho e de vida. Na



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

configuração moderna eles encarnam uma imagem que os poderes públicos procuram eliminar, assimilados aos favelados. Imagem da qual também as classes media pretendem se afastar. Esta imagem negativa falta muito de coerência e pode, em determinados momentos, ou, dependendo dos atores, ser associada a criminalidade, a pobreza, ao subdesenvolvimento, a uma população sem educação ou sem moralidade. Bruno Lautier (2002) distingue dois momentos na produção de um discurso sobre o pobre. O primeira data do século XIX com as teorias desenvolvidas pela economia social. Na época, um “bom pobre” estava ligado a ideia de trabalho e de família. Lautier ilustra o segundo momento com uma análise do discurso do Banco Mundial sobre a luta contra a pobreza nos dias de hoje. No discurso dessa instituição mundializada existe ainda a mesma dicotomia entre o “pobre honesta” e o “marginal” só que os critérios de família e trabalho foram substituídos por novos valores que vêm de uma sociedade baseada no mercado (local e global) na qual o “bom pobre” é aquele que aceita o crédito e o marginal é aquele que não quer saber do futuro e não cola com essa nova concepção de vida. O autor continua dizendo que o pobre tem que constituir-se em verdadeiro empreendedor. Interessante se nos consideramos que a Prefeitura de Salvador já vem trabalhando isso com o comércio informal implantando o estatuto de “empreendedor individual” para os barraqueiros e os trabalhadores de rua em geral. Um exército de empreendedores individuais têm que substituir-se a massa dos pobres.

O paradoxo é que essa perda da tradição dos barraqueiros acontece dentro do carnaval que é tradicionalmente o “ninho” das criações identitárias. A razão destacada por nossa análise espacial é que agora precisa de um “ingresso” para viver o carnaval e ter possibilidade de sublimar o cotidiano. A questão da etnicidade está carregada aqui por termos mercantis, não de *catarsis*.

BIBLIOGRAFIA

Obras científicas :

AGIER, Michel, Anthropologie du carnaval, La ville, la fête et l’Afrique à Bahia, Marseille, éditions Parenthèses, 2000.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

AGIER, Michel, Esquisses d'une anthropologie de la ville. Lieux, situations, mouvements. Academia Bruylant, Anthropologie prospective n°5, Louvain-La-Neuve, 2009, pp. 152.

AUGE, Marc, Non-lieux, Introduction à une anthropologie de la surmodernité, Paris, éditions du Seuil, 1992.

DONZELOT, Jacques, "La nouvelle question urbaine" in Revue Esprit, Novembre, Quand la ville se défait, 1999, pp. 87- 115.

DOUGLAS, Mary, De la souillure. Essai sur les notions de pollution et de tabou, Paris, Maspero, 1971.

LAUTIER, Bruno, « Pourquoi faut-il aider les pauvres ? Une étude critique du discours de la Banque mondiale sur la pauvreté, In: Tiers-Monde., tome 43 n°169, 2002, pp. 137-165.

MONGIN, Olivier, La condition urbaine – La ville à l'heure de la mondialisation. Paris, Editions du Seuil, La couleur des idées, 2005.

Sites internet turisticos :

Site officiel do carnaval da Bahia : www.carnaval.salvador.ba.gov.br

Guia oficial do turismo de Salvador : www.bahia.com.br

Bahiatura, empresa de turismo de Salvador : www.bahiatura.ba.gov.br

Instituto do Patrimônio artistico e cultural da Bahia: <http://www.ipac.ba.gov.br/>

Ministerio do turismo : <http://www.turismo.gov.br/turismo/home.html>